

Prólogo

O despertar dos deuses

O menino detrás do balcão se apressou em secar o último copo molhado que a mãe acabara de enxaguar. A taberna, como de costume, estava abarrotada de caminhanes, mercadores, ladrões e alguns poucos moradores da vila. Apesar das conversas em tom elevado e das gargalhadas exageradas, não foi nenhum daqueles beberrões que lhe chamou a atenção, mas sim um velho, o mesmo de sempre, que empurrou a porta e procurou uma mesa num canto mais escuro antes de entrar caminhando com dificuldade. Quando o cajado que lhe apoiava bateu no chão, acompanhando o ritmo de seu caminhar, outra criança, uma menina, apareceu descendo a escada.

— É o velho historiador — ela comemorou sussurrando, olhando para o irmão que segurava a toalha.

Bem embaixo da luminária com velas, um forasteiro embriagado olhou torto para o velho quando esse passou ao lado, esbarrando na mesa. Nenhum dos que estavam nas mesas vizinhas deixou de olhar quando o mal encarado levantou com uma adaga e falou:

— Está cego? Você derramou meu vinho.

O velho parou e voltou um passo. Não havia temor algum em sua fisionomia, nem mesmo quando olhou para a mesa e pegou o copo de vinho, bebendo até o fim e limpando a barba com o guardanapo amarelado do forasteiro.

Dessa vez o homem embriagado encarou-o com ainda mais raiva. Ele odiava ser desafiado e não havia nada que não pudesse resolver com sua afiada adaga com cabo de madeira. Pelo menos era isso que pensava. Por isso, quando o velho devolveu o copo e avançou um passo, ele levantou para apunhalá-lo pelas costas, mas foi prontamente interrompido pelo amigo que também estava por perto e era um antigo morador

da vila.

— Se não quiser ser preso, é bom deixá-lo em paz — o amigo balançou a cabeça e franziu a testa, deixando o velho seguir seu caminho pelo corredor.

Antes que ele chegasse à mesa de canto, onde a clareza das velas não alcançava, a menina e o menino desviaram caminho costeando as paredes e o esperaram com uma caneca de hidromel. A jovenzinha ainda tratou de ajudá-lo a escorar o cajado antes de se acomodar.

— Argh! — ele resmungou ao sentar. Seus joelhos rangeram quando foram dobrados. — Da próxima vez, ao menos me deixem relaxar alguns minutos antes de começar.

Sem pestanejar, o velho colocou a mão por dentro da manta esverdeada que vestia e puxou um livro com capa de couro que fez as crianças bufarem.

— De novo essa história — a menina reclamou.

— Desse jeito eu vou lá para cima dormir — o irmão complementou.

O velho, percebendo que não agradaria com aquele conto, arregalou os olhos e devolveu o livro à manta. De qualquer forma ele não conseguiria ler com tão pouca luz.

— Deixe-me ver — ele ficou pensativo. — Que tal contar-lhes a história de Wuotan e seu fiel cavalo Sleipnir?

As crianças se entreolharam e fitaram o historiador.

— Pfff! — o som que saiu da boca do menino revelou o desgosto. — Essa você já contou quatorze vezes.

— Uhm! — murmurou o velho. — Quatorze vezes é o bastante para que fiquem enjoados — concordou. — Já sei, irei contar a história da primeira grande guerra dos deuses.

Agora foram as crianças que arregalaram os olhos.

— Houve uma guerra entre os deuses? — a menina indagou curiosa.

— Claro que houve. Aliás, foram duas guerras em que os deuses se enfrentaram.

— Duas? — a indagação foi ainda mais surpresa.

Os irmãos acomodaram-se nas cadeiras duras escorando os braços na mesa, percebendo que mais uma vez o historiador lhes agradecerá com um de seus contos. Antes de começar, ele remexeu outra vez na manta e pegou um cachimbo de ervas que fumegou quando o acendeu com uma brasa enrolada em folhas verdes.

— No início de tudo, muito antes do despertar dos deuses ou de qualquer ser vivo caminhar sobre a terra, apenas três grandes reinos existiam. No centro, irrelevante aos acontecimentos ao seu redor, estava Ginnungagap, um imenso abismo vazio. Em um dos lados ficava Musspelheim, o mundo do fogo, com suas montanhas fervilhantes. Do outro, a imensidão branca de Niflheim, o mundo do gelo — o velho fez uma breve pausa para tragar o cachimbo.

“Por incontáveis anos tudo continuou daquele mesmo modo, repleto de marasmo e escasso de acontecimentos. Até que, em certo momento, aparentemente enjoadas da mesmice, as névoas frias das profundezas de Niflheim passaram a emergir muito lentamente, formando um bloco de gelo no abismo vazio de Ginnungagap. Tempos depois, invejando a audácia de seu oposto, das montanhas ardentes de Musspelheim desceram flamejantes massas de ar quente que passaram a tornar líquido o bloco formado. Enquanto derretia vagorosamente, as gotas pingavam de volta nas profundezas de Niflheim e, quando entravam em contato com a terra fria, acabavam por congelar mais uma vez, dessa vez moldando a forma de um gigante. Ymir era seu nome. Ele foi o primeiro ser vivo criado.”

— Ymir, o primordial — a menina falou, maravilhada.

— Isso mesmo... Por um longo período, tanto que nem mesmo ele conseguiu contar, o gigante primordial dormiu, esperando derreter por completo o gelo que o mantinha aprisionado. Adormecido profundamente, sequer reparou que de seu suor, produzido pelo calor infernal que insistia em descer

de Musspelheim, nasceram muitos outros seres. Dentre eles, uma gigantesca e insaciável vaca, Audhumla, de cujo leite Ymir e todos os outros se alimentavam. Audhumla nascera com fome voraz, e a falta de alimento fez com que fosse obrigada a comer um bloco de gelo salgado que se formou nas redondezas. No primeiro dia que ela lambeu, apareceram congelados os fios de cabelo de um ser que estava preso ali. No segundo dia, a cabeça. E, finalmente, no terceiro dia, o corpo inteiro de um homem esbelto que foi chamado de Buri, o mais antigo dos deuses — interrompeu o historiador para beber um gole do hidromel, secando a barba com a manga da manta. — Os anos passavam mais depressa agora que o universo abrigava vida. E não demorou muito para que o amor ardente de Buri o unisse com uma das netas de Ymir. Um ano depois, eles tiveram um filho, Bor. Quando a criança cresceu, ela e o pai travaram uma sangrenta batalha com os gigantes. A cruel guerra entre deuses e gigantes foi a primeira que o mundo teve notícia. Durante muitas eras ela continuou sem que houvesse um verdadeiro vencedor. Contudo, após uma curta trégua, Bor uniu-se com a gigante Bestla. Dessa união nasceram três crianças, três aliados para a causa dos deuses, Vili, Ve e Wuotan.

— Wuotan, o rei dos deuses, é mesmo filho de uma gigante? — a curiosidade do menino aflorou nesse momento.

— Pode acreditar que é. — o velho respondeu dando mais uma tragada no cachimbo. — Décadas mais tarde, Wuotan, o filho que se mostrou mais poderoso, disse a seus irmãos enquanto caminhavam pela imensidão gelada: “— *Vamos nos unir ao nosso pai, para juntos destruímos Ymir, o traiçoeiro gigante primordial.*” — agora ele enfeitou a história, engrossando a voz para imitar a fala do deus. — Com a união de tamanha força, não foi preciso muitas batalhas para que pai e filhos destruíssem Ymir, que levou consigo para o além vida quase todos os demais gigantes, afogados em seu sangue. Do cruel ataque, apenas um casal sobreviveu. Bergelmir e sua companheira

usaram apurada esperteza para fugir em uma barca. Eles se refugiaram em Jotunheim, que ficou conhecido como o reino dos gigantes. Lá geraram muitos filhos. Depois, do corpo de Ymir, os deuses criaram Midgard, o reino dos homens. Da carne fizeram a terra. Dos ossos, as montanhas. Do sangue, rios e mares. E dos pelos, a vegetação. Em seguida, com as faíscas de Musspelheim, fizeram com que nascesse o sol, a lua e as estrelas.

Na mesa do forasteiro beberrão, um princípio de encrenca que se formou fez com que o velho desviasse os olhos, mas as crianças logo trataram de fazer com que ele voltasse a se concentrar.

— Continue! Continue! — elas imploravam.

— Hum! Onde foi mesmo que parei?

— Quando criaram Midgard — a menina se antecipou.

— Então, com a magnífica obra finalizada, os deuses resolveram caminhar sobre a terra para que pudessem regozijar-se com a esplêndida criação. Entre uma passada e outra, os olhos brilhosos dos criadores avistaram ao longe, caídos sobre a arcia nas margens de um rio, dois grandes troncos de árvores. “— *Irmãos!* — *chamou Wuotan.* — *Usaremos esses dois troncos para criar os seres que habitarão esse lugar.*” — ele novamente tentou, sem sucesso, imitar a voz do deus. — Ask chamou-se o homem. Embla chamou-se a mulher. Wuotan concedeu-lhes a vida, Vili presenteou-os com os sentimentos e a inteligência, e Ve lhes deu audição e visão. Naquele mesmo dia, de volta às terras geladas, os deuses perceberam nas sobras restantes da apodrecida carne do gigante, um enorme ninho de vermes. Decidiram então, que esses estranhos seres, por serem diferentes do homem e da mulher, não viveriam em Midgard. Os menores e mais tempestuosos foram chamados de anões e receberam como morada as profundezas da terra, Nidavellir. Os outros, muito célebres e generosos, foram chamados de elfos. Por serem honrados receberam de presente a imortali-

dade e as regiões pacíficas de Alfheim como morada. Contudo, no decorrer de suas longas vidas, alguns deles mostraram-se obscuros e hostis. Esses foram punidos e separados dos demais. Deles foi retirada a imortalidade e foram obrigados a viver em Svartalfheim, o reino dos elfos sombrios — o velho bebeu mais um gole de hidromel, quase secando a caneca. — Por ordem dos poderosos deuses, os restos do crânio de Ymir foram levados aos quatro cantos da terra pelos anões Nordri, Sudri, Austri e Westri, criando assim os pontos cardeais, que em homenagem pela destreza, ganharam seus nomes. No centro do universo quase finalizado, ligando todos os mundos de suas raízes até as folhas, ficava uma colossal árvore, o eixo da terra, Yggdrasil. Suas folhas podiam trazer qualquer um de volta à vida, e seus frutos curavam qualquer doença.

— Será que os viajantes têm essas folhas para vender?
— o menino perguntou, lembrando-se da avó acamada.

— Acho pouco provável — o historiador abriu um sorriso e continuou antes que pudesse esquecer onde estava. — Mesmo animado pelo que ajudou a criar, Wuotan não estava completamente satisfeito. Vendo que todos tinham se acomodado em suas terras, construindo moradas e formando famílias, logo percebeu que precisaria criar outro lugar para que eles mesmos vivessem. Como era sábio e prestigioso, concluiu, num raciocínio rápido, que não seria apropriado que houvesse ligação entre deuses e mortais. “— *Criemos Ithgard e lá será onde viveremos.*” Ithgard, a cidade dourada, ficava acima do céu, o que impedia que fosse vista e visitada. A única ligação entre ela e os reinos era a ponte de Asbru, cujo encarregado de vigiá-la por toda a eternidade era Heimdall. Ninguém sabia de quem era filho e nem mesmo de onde surgiu. Apenas sabiam que jamais dormia e tinha visão e audição espetaculares. Alguns diziam que conseguia ouvir a lã das ovelhas crescendo nas terras de Midgard. Seu dever como protetor da cidade dourada era tocar sua corneta quando qualquer inimigo tentasse invadir

o lugar — o velho fez mais uma pausa curta para fumar o cachimbo e beber hidromel, contudo, a caneca estava vazia, então ele franziu a testa querendo que as crianças percebessem que estava sem bebida. — Era do alto de seu palácio que Wuotan observava o que se passava em todos os reinos. Ele sabia de tudo, até mesmo o que acontecia fora de sua visão. Para auxiliá-lo nessa empreitada, contava com a ajuda de dois corvos, que traziam informações sobre todos os acontecimentos das regiões remotas. O rei dos deuses ainda contava com a proteção de dois lobos. Com o passar dos anos, muitos outros deuses nasceram e se mudaram para a cidade dourada. Todos fiéis a Wuotan. Eram os *Aesir*. Entretanto, não demorou muito para que um panteão rival se formasse. Alguns poucos se rebelaram e deram origem aos *Vanir*, que possuíam profundo conhecimento em artes mágicas. Com seu imenso poder, criaram Vanaheim e para lá se mudaram. Por serem os deuses primordiais e por seus líderes terem criado tudo que existia sobre a terra, os *Aesir* eram venerados por anões, elfos e homens. Era essa adoração que lhes dava a força e o poder necessários para que se mantivessem sendo superiores no universo. Do outro lado, os *Vanir* perderam adoração. Sendo venerados apenas por gigantes, eternos inimigos de Wuotan, e pelos elfos sombrios, condenados a viver na Ilha das Sombras. — sem parar de falar, o velho pegou a caneca e a bateu fraco na mesa quando notou que as crianças não lhe serviriam mais. — A paz perdurou por milhares de anos e todos os diferentes povos viviam sem preocupações.

“Porém, o cenário de benevolência mudou quando uma nova deusa foi convidada para viver em Vanaheim. Era Gullveig, uma feiticeira de Midgard que encantou os *Vanir* com seu poder. Wuotan, ouvindo os comentários sobre a nova integrante do panteão rival, convidou-a para visitar Ithgard e apresentar-se aos *Aesir*. Durante a estadia da feiticeira, todos que com ela cruzaram perceberam que suas palavras só exala-

vam crueldade e ganância. Por isso, concluíram que o mundo seria um lugar melhor sem sua presença. Cientes de seus atos, os *Aesir* aprisionaram-na e a jogaram em uma fogueira, deixando que queimasse até a morte. Por três vezes o corpo de Gullveig foi queimado e por três vezes ela voltou à vida, o que fez com que ela ficasse conhecida como a deusa dos feitiços malignos — sua voz embargou naquele instante. — Dias mais tarde, inquietos com a demora da integrante em retornar, os *Vanir* enviaram o deus dos mares e oceanos para coletar informações sobre o motivo.”

Quando ele retornou com Gullveig, trazendo a notícia sobre o tratamento recebido durante a visita, o panteão jurou vingança e começou a preparar-se para a guerra. Porém, como nada que acontecia nos nove mundos passava despercebido pelos olhos atentos de Wuotan, ele arremessou uma lança mágica contra a corte dos *Vanir*, querendo assustá-los. Isso só acabou por enfurecê-los ainda mais. Foi assim que se iniciou a primeira grande guerra dos deuses — o velho fez mais uma pausa e encheu os pulmões com a fumaça com cheiro de ervas do cachimbo.

As cadeiras riscaram o chão quando as crianças as puxaram para mais perto da mesa com ouvidos atentos. O menino até cutucou a irmã para que ela se concentrasse antes que a história fosse retomada.

— No início do conflito os *Vanir* ganhavam terreno. Usando seus poderosos feitiços, esmigalharam as muralhas recém-construídas de Ithgard. O contra-ataque dos *Aesir* foi ainda mais devastador, causando enormes e irreparáveis danos a Vanaheim. Os sucessivos ataques e contra-ataques pouco relevantes que se seguiram fizeram com que ambos os panteões percebessem que daquela forma nenhum dos lados sairia vencedor e a guerra se arrastaria por muitas eras. Então, em um momento de fadiga por lutarem sem qualquer propósito, os líderes se reuniram e acabaram com o conflito, jurando vi-

ver em paz mais uma vez. Como prova de suas boas intenções, decidiram que alguns membros dos panteões viveriam com o antigo inimigo, para garantir que o tratado de paz juramentado fosse eternamente mantido. Njord e seus filhos, Freyr e Freya, líderes dos *Vanir*, foram de bom grado viver em Ithgard. Em troca, os *Aesir* enviaram Hoenir e o sábio Mimir, para viver em Vanaheim, terminando assim com a guerra — ali no canto escuro, o teto da taberna já estava tomado pela fumaça do cachimbo. — Por longas eras o tratado foi mantido e o mundo viveu em paz. Contudo, uma covarde traição ao juramento abalou a calmaria que reinava, causando mais uma guerra.

— A segunda guerra dos deuses? — a menina indagou.

O velho historiador concordou e fez sinal para uma senhora que estava atrás do balcão.

— Então se apresse e conte-nos. — o menino desviou os olhos e viu que a mãe se aproximava para interromper.

— Essa história é ainda mais longa que a primeira, crianças. Não teremos tempo suficiente para que eu termine.

A desolação tomou conta dos pequenos.

— Mas... — o velho soprou o cachimbo, limpando o forninho, e colocou a mão dentro da manta de onde puxou outro livro. As crianças comemoraram ao ver que não se tratava daquele com capa de couro e histórias repetidas. — Se decidirem mergulhar nesse universo de segredos, — ele folheou as primeiras páginas — poderão saber o que escrevi sobre a segunda grande guerra.

O menino pegou o livro e o segurou contra o peito.

— Você presenciou a segunda guerra? — perguntou.

O historiador concordou com lágrimas nos olhos, levantou com apoio do cajado e caminhou para a saída.